



## **NARRATIVAS E MEMÓRIAS: CONSTITUINDO TERRITÓRIOS E IDENTIDADES**

**Leila Regina da Silva\***

**Letícia Alvares\*\***

**Elizabeth Souza\*\*\***

**Hélia de Oliveira Ladeira\*\*\*\***

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória do “Ponto de Memória Museu do Taquaril”, localizado na cidade de Belo Horizonte, como um processo de intervenção social. A proposta desse lugar de memória é contar a história do bairro a partir da trajetória de vida de seus moradores, estreitamente vinculada à luta pela moradia e pelo território. Destaca, de que modo, a relação entre os conceitos de identidade e território podem contribuir para a prática de intervenção social resultando em processos de desenvolvimento local. Tendo como eixo metodológico a prática da pesquisa qualitativa realizou-se levantamento bibliográfico, visitas, observação, entrevista com moradores e lideranças locais. Verificou-se que os moradores privilegiam um modo de intervenção que valoriza os aspectos políticos e culturais locais. Destaca-se, nesta perspectiva, o fortalecimento dos laços indenitários, sejam eles de caráter material e imaterial, na manutenção de vínculos de sociabilidade com o espaço/território. Governança local e participação social tornam-se, neste sentido, atributos do desenvolvimento territorial local.

**Palavras-chave:** Museologia social; Intervenção Social; Território; Identidade; Bairro Taquaril.

**Abstract:** The present study aims to analyze the trajectory of the "Memory Point Taquaril Museum", as a process of social intervention, in the city of Belo Horizonte,. The proposal of this memory point is to tell the history of the neighborhood by life trajectory of its residents, closely linked to the struggle for housing and territory. It highlights, in what way, the relationship between the concepts of identity and territory can contribute to the practice of social intervention because of local development. The methodology of the research is qualitative and was carried out by bibliographical survey, visits, observation, and interview with residents and local leaders. It was verified that the residents choose a mode of intervention that values local political and cultural aspects. In this perspective, it is important to strengthen the bonds of identity within its material and immaterial nature, in the maintenance of bonds of sociability with the space/territory. Local governance and social participation become, in this sense, attributes of local territorial development.

**Key-words:** Social Museology. Social Intervention. Territory. Identity. Taquaril Neighborhood.



### **Bairro Taquaril: narrativas de um território**

Com origem na década de 1980 o bairro Taquaril localiza-se na região leste de Belo Horizonte, situado á cerca de seis quilômetros do centro comercial da cidade. De acordo com registros e relatos de moradores locais o bairro surge com a repartição territorial da fazenda Taquaril, existente na região á época, para atender demanda por moradia de um grupo de “sem casa” que viva nas mediações. Seu processo de ocupação foi organizado politicamente por lideranças do Centro de Ação Comunitária do Alto Vera Cruz, bairro circunvizinho. Com a autorização da prefeitura, após várias ações de reivindicação na luta pró-moradia, os próprios moradores iniciaram a construção das casas e soergueram o bairro.

Cerca de 30 anos depois de seu início, com mais de 11.210 domicílios particulares e aproximadamente 30.204 habitantes (IBGE, 2010), o bairro é marcado pela coexistência de diversas realidades sociais. Entre áreas planejadas e urbanizadas com infraestrutura básica de saneamento, transporte e áreas precárias em estruturas urbanas. Seu adensamento é marcado pela divisão e ocupação perene de lotes irregulares. Áreas de risco geológico, de acentuado declive, e de preservação ambiental são constantemente ocupadas por moradias precárias.

Ao curso de sua história de constituição e relação com o espaço urbano de Belo Horizonte o bairro adquiriu visibilidade social pejorativa como lugar da exclusão e marginalidade sendo retratado pela mídia por índices de violência, pobreza e vulnerabilidade social<sup>1</sup>. Em consequência tal visão era posta como um reflexo da identidade dos moradores

---

<sup>1</sup> Vulnerabilidade social é um resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Inclui situações de pobreza, mas não se limita a ela. (CASTRO; ABRAMOVAY, 2004, p.05)



### 3º sebra mus

que habitam o local, vistos socialmente como marginais e perigosos. De tal modo, a identidade dos moradores se destacava pela forma como eram representados pelo olhar do outro.

Para fins deste estudo, assume-se a perspectiva conceitual de Hall (2011) e, aborda-se a identidade como um processo contínuo e multifacetário, um construto social fragmentado e descentralizado que, por meio dos muitos discursos da vida, as pessoas vão construindo à medida que se posicionam no mundo. Neste sentido a narrativa tem destaque como uma prática social que permite a elaboração de experiências pessoais e coletivas, através de diferentes interações em diversos espaços sociais. (BRUNER, 2002)

Sobre essa relação em contextos sociais urbanos, numa ótica analítica, Costa (2002) assinala ser possível perceber duas formas de atribuição de sentido à identidade cultural de um bairro. Uma delas advinda do exterior, em especial, instituições como a mídia, a qual apresenta usualmente concepções reificantes, ou seja, redutoras. Já a outra produzida, sobretudo, no interior do bairro, moldada a partir das experiências de vida do cotidiano local. Ou seja, essa segunda forma de pensar a identidade do bairro:

Acompanha a experiência dos episódios de interação ali diariamente repetidos, a inserção nas redes sociais que atravessam o bairro, os modos de vida nele estabelecidos, as socializações localmente experimentadas, as práticas culturais produzidas e compartilhadas nesse quadro específico de relacionamento social. Tudo isso redobrado da geração continuada, entre a população local, tanto de representações simbólicas do bairro como entidade distinta, como de fortes sentimentos de pertencer a ele – isto é, de formas endógenas e vividas de identidade cultural. (COSTA, 2002, p.26)

A perspectiva proposta por Costa (2002) permite abordar território como apresentado por Corrêa (1997) referenciado, implicitamente à noção de limite, o qual mesmo não estando traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com determinado recorte espacial. O citado autor assinala existir, ainda, para além de uma vinculação do conceito ao escopo das relações incorporando a questão dos fatos humanos, a dimensão do



### 3º sebra mus

espaço e acrescenta que outros temas como territorialidade e espacialidade são imprescindíveis a uma compreensão global do conceito.

Nas entrevistas realizadas com moradores locais foi possível identificar que as lideranças, desde a origem do bairro, se empenharam no estabelecimento de um processo de constituição de identidade refletido nos princípios acima descritos. Evidenciam em suas narrativas a territorialidade, o espaço das relações, dos sentidos, do sentimento de pertença e, portanto, da cultura (SPOSITO, 2004). De tal modo, o espaço físico apropriado pelos sujeitos, a partir de uma combinação entre ideologia, sentidos e práticas sociais, adquire uma territorialidade que segundo HOLZER (1997) é um conjunto de lugares hierárquicos, conectados por uma rede de itinerários, considerado de espaço-território onde os grupos e as etnias vivem certa ligação, um enraizamento.

A presença e difusão de associações de moradores constituídas em torno de demandas de trabalho e renda, desenvolvimento social, infraestrutura urbana, regularização e melhorias da qualidade de moradias, da cultura local marcam o desenho político da organização do bairro, bem como as estratégias de desenvolvimento local:

[...] como uma alternativa de intervenção articulada de novos atores sociais e políticos na reorientação da ação do Estado, no sentido de atender aos objetivos de construção da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (...). Nesse sentido, coloca-se como um novo patamar de um processo de lutas sociais. (BAVA, 1996, p58)

Os moradores destacam serem marca desse processo a organização, luta e resistência para as conquistas de infraestrutura e urbanização na melhoria da condição de vida, ainda em curso no bairro. Contudo, narram o sentimento de orgulho e alegria na relação estabelecida com o território e manifestam o desejo de preservação de sua história. Para além, preocupam-se com os registros e discursos á cerca desta História.



### **Ponto de Memória Museu do Taquaril: memória e intervenção social**

Uma das forças originárias na construção do bairro destacada pelas lideranças é a ação das mulheres que se dedicaram a trabalhar o íngreme terreno, erguer as casas e liderar a organização política na constituição das primeiras associações. Outra força foi a organização dos jovens em torno de projetos e ações culturais, difundindo linguagens e estética próprias através do RAP, de documentários, eventos e shows. Processos remorados e difundidos, pelo Ponto de Memória Museu do Taquaril, não apenas como reconstituição do passado, mas no delineamento do presente reconfigurando significados e valores. (GOFF, 2003).

O Museu, instituído em 2010 com apoio do Instituto Brasileiro de Museus- IBRAM por lideranças e moradores locais, surgiu como proposta de ser um espaço que permita estabelecer uma narrativa diferente da difundida pela mídia sobre o lugar e as pessoas. Permita preservar a História local por meio da história de vida de seus moradores, fortemente associada à luta pela ocupação e transformação do território num cenário político assimétrico.

Insere-se no aprofundamento do debate sobre a museologia comunitária, associadas a processos de afirmação e resistência de grupos sociais e de reivindicação de direitos culturais e museais. Gerido por um conselho gestor composto por lideranças do bairro o museu desenvolve ações como Rodas de Memória, documentários, exposições fotográficas, concursos culturais, oficinas de histórias de vida entre outras atividades como práticas de intervenção junto à comunidade local com ênfase no *“papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros”* (MOITA LOPES, 2001, p. 63).

As lideranças denominam o museu como um museu de território, sendo toda a extensão do bairro apresentando como percurso e patrimônio dos moradores. Esta apropriação pode ser associada nos termos de Haesbaert (2004) a uma dimensão e/ou sentimento de



### 3º sebra mus

pertencimento, que se dá no sentido de controle efetivo por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço e em seu sentido mais amplo, uma apropriação mais afetiva de uma identidade territorial. Processo retratado nas falas dos moradores ao reforçarem o aspecto afetivo da relação com o bairro, assim como, sendo base da orientação efetiva da ação política e de intervenção no território. Uma vez que, o território é:

fruto de uma ação programada de um sujeito que se apropria concreta e/ou simbolicamente do espaço. E, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa esse espaço (...) sendo que essa “passagem” sempre acontece no campo das relações. (RAFFESTIN, 1993,p.143).

É no âmbito das relações que a memória é assumida pelos moradores como um campo aberto, em constante disputa. A “*memória coletiva como fenômeno construído consciente ou inconsciente, como resultado do trabalho individual ou social, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo*” (ECLEIA BOSI, 2003; p. 53) é assumida como ação política. As lideranças locais a têm como um elemento articulador das ações do museu. Neste contexto, coloca-se em discussão o papel dos museus comunitários como possibilidade de ação social transformadora implicada, entre outros, com aspectos como a formação política, a resignificação de territórios e comunidades por seus moradores engajados no processo de forjar suas próprias narrativas.

[...] as lembranças podem contribuir para rememorar usos, sentidos, práticas que foram/são elementos importantes na constituição de um grupo em um determinado espaço, independentemente da forma como se constitui no presente. É como se a memória tornasse possível a “presentificação” do tempo e a “materialização” do espaço, ou seja, a “presentificação” de um tempo passado que já teve a sua duração e de um espaço que pode não mais se configurar materialmente como dantes (ARAÚJO, 2010, p. 151).



### 3º sebra mus

Durante a prática da narrativa os participantes reorganizam sua experiência e reconstróem sua identidade de forma coletiva, evidenciando a noção de narrativa como locus para o processo identitário. Pode-se assumir esse como um processo de resgate da identidade cultural do bairro. E, como assinala Dowbor (2011), processo central para um resgate muito mais amplo do sentimento de pertencer ao mundo que se transforma, de participar da criação do novo. O desenvolvimento é apenas em parte uma questão de fatores materiais, de investimentos físicos. A atitude criativa está no centro do processo de desenvolvimento em geral. Estamos entrando na era da economia do conhecimento, e a cultura, passa a ser um dos articuladores de novas identidades locais. (DOWBOR, 2011).

As ações desenvolvidas pelo Ponto de Memória Museu do Taquaril provoca mudança social e permite o (re) estabelecimento de laços sociais e comunitários a partir das vivências e memórias de seus moradores. Aprofunda práticas democráticas a partir de uma gestão compartilhada e negociada com os diversos atores locais. Com ressignificações que caracterizam a construção e a manutenção da memória individual, coletiva e social e seus usos institucionais e comunitários.

#### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Wânia Maria. **Na tessitura da memória: narrativas do bairro Cachoeirinha**. 2010. 238 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

BAVA. Desenvolvimento Local: uma alternativa para a crise social? **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo-SP, Fund. SEADE, v. 10, n. 03, jul-set, 1996.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. P.53.

BRUNER, Jerome. **Making storie: law, literature, life**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

CASTRO, M.; ABRAMOWAY, M. Juventudes no Brasil: Vulnerabilidades negativas e positivas. Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP. Caxambu, setembro de 2004.

CORRÊA, R.L. Territorialidade e Corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton e et alli. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1997.

COSTA, António Firmino da. Identidades culturais urbanas em época de globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 48, fev. 2002.

DOWBOR, Ladislau. **Cultura e desenvolvimento**. abril/2011 Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=3659>>. Acesso em: 19 julho 2017.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre D.; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste. 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

HOLZER, Werter. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente. In: **Território** / LAGET, UFRJ. – ano II, N.º 3 (jul. / dez. 1997) – Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. IN: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: editora Ática, 1993.

SCHEINER, Tereza C. Comunicação - educação - exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**. RJ: UFRJ, v.4-5. 2003.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.